



Boletim do Tempo Presente - ISSN 1981-3384

Entre Sombra e Luz - o Holocausto em Alguns Livros Paradidáticos Brasileiros

Bruna Soares Braz^I

Resumo: Este trabalho busca investigar, identificar, analisar e compreender quais acontecimentos acerca do Holocausto são privilegiados e sobretudo quais os seus apagamentos, por meio de um mapeamento de alguns títulos de livros paradidáticos do catálogo editorial brasileiro: *Nazismo: o triunfo da vontade*^{II}; *O que é Nazismo*^{III}; *Holocausto: crime contra a humanidade*^{IV}; *Nazismo: política, cultura e holocausto*^V; *A Segunda Guerra Mundial*^{VI}.

Palavras-chave: Holocausto; livros paradidáticos; apagamentos.

Between Shadow and Light: the Holocaust in Some Brazilian Paradidactic Books

Abstract: This work seeks to investigate, identify, analyze and understand which events about the Holocaust are privileged, and above all which yours erasures, through a mapping of some titles of paradidactic books in the Brazilian editorial catalog: *Nazismo: o triunfo da vontade*^{II} (LENHARO, 1986); *O que é Nazismo*^{III}; *Holocausto: crime contra a humanidade*^{IV}; *Nazismo: política, cultura e holocausto*^V; *A Segunda Guerra Mundial*^{VI}.

Keywords: Holocaust; paradidactic books; erasure.

ENTRE SOMBRA E LUZ - O HOLOCAUSTO EM ALGUNS LIVROS PARADIDÁTICOS BRASILEIROS

BRAZ, B. S.

Introdução

O Holocausto, ocorrido durante a Segunda Guerra Mundial, marcou em definitivo a história da humanidade, trazendo-nos importantes questões sobre quais sinais antecedem atrocidades em massa, genocídios e crassa violação dos direitos humanos. A Alemanha, embora atravessada por uma profunda crise política e econômica, vivendo as consequências do fim da Primeira Guerra Mundial, as imposições do *Tratado de Versalhes* e os efeitos da crise mundial de 1929, era uma nação democrática, berço de grandes pensadores e inventores que tanto contribuíram para o desenvolvimento das Ciências e das Artes. Como então permitiu que uma ideologia hostil e excludente se instalasse e conduzisse toda a Europa à destruição e a um genocídio sem precedentes?

Como demonstrado por Hilberg^{VII}, nenhum setor da sociedade alemã esteve apartado do processo de produção do Holocausto. O antissemitismo europeu é secular^{VIII} e, em uma sociedade vulnerável do pós-guerra, não foi difícil achar culpados e trazer à tona com mais veemência pensamentos de cunho antissemita, com suas posições radicais e autoritárias. O Holocausto teve a colaboração de cidadãos comuns seduzidos a uma ideologia nefasta. Logo encontraram um bode expiatório que rapidamente os conduziu a um lugar onde não gostariam de estar, havendo que se deparar mais tarde com a enormidade dos seus crimes.

Houve diversos tipos de resistência, bem ou malsucedidos, por indivíduos e grupos organizados, como: manutenção da cultura e da religião judaica, distribuição de propaganda antialemã, sabotagem de instalações militares e industriais nazistas, espionagem para os Aliados, dentre outros. Diante das monstruosidades que o Holocausto perpetrou, cabe a pergunta: qual a linha entre a humanidade e a bestialidade? O Holocausto evidenciou que é muito fácil cruzarmos essa linha, uma infecção latente que aguarda pacientemente a vulnerabilidade de uma sociedade para se manifestar e afetar a imunidade deste corpo.

Desse modo, somos confrontados com um imenso desafio- o de que pessoas comuns são capazes de racionalizar o sofrimento e banalizar a morte de seres humanos de forma estritamente técnica e instrumental. Como chegamos a esse nível de desumanidade e como impedir que aconteça de novo? Essas são as questões mais urgentes que a humanidade ainda precisa responder. Todavia, observamos uma tendência crescente em banalizar ou relativizar o Holocausto de inúmeras formas. Dentre elas, ao retratar o Holocausto como um adendo ocorrido durante a Segunda Guerra Mundial, desconsiderando toda a sua arquitetura de genocídio; nas tentativas pseudocientíficas de revisionismo histórico e na evocação de seus termos em contextos descabíveis. Os livros paradidáticos, assim como os diversos memoriais, centros de investigação e instituições judaicas, são instrumentos importantes no auxílio ao estudo do Holocausto, como contribuintes na construção de sua memória, especialmente ao surgirem diversos personagens dispostos a silenciá-lo, revisioná-lo ou negá-lo. A partir dos livros paradidáticos analisados, tentaremos responder às seguintes questões: *quais informações e acontecimentos relacionados à Segunda Guerra Mundial estes títulos mais enfatizam?; os autores circunscrevem a mesma relevância para os mesmos fatos?; há recursos adicionais que complementam o tema?*

Buscamos com este trabalho oferecer uma pequena contribuição para o campo da historiografia brasileira e para os educadores no sentido de tentar compreender como alguns livros paradidáticos brasileiros abordam o Holocausto, quais informações e acontecimentos esses livros constroem e especialmente quais os seus apagamentos. Tais livros indicam possibilidades ao educador a fim de trabalhar questões suscitadas sobre o Holocausto? Suas

ENTRE SOMBRA E LUZ - O HOLOCAUSTO EM ALGUNS LIVROS PARADIDÁTICOS BRASILEIROS

BRAZ, B. S.

abordagens são feitas de forma diretiva, refletindo acerca da importância da promoção dos direitos humanos e do perigo de se fomentar ódio e preconceito?

Ao observar o Holocausto em cada fotografia, vídeo, objeto, documento ou relato, vamos, aos poucos, construindo uma teia das histórias individuais de seus agentes históricos, não apenas nos concentrando em como morreram, mas como viveram. Nosso objetivo com o estudo do Holocausto não é mostrar o número de mortos e sim contribuir para a valorização das histórias individuais daqueles que perderam suas vidas em um extermínio produzido em escala industrial. Ensinar sobre o Holocausto, assim, tem um duplo valor: como conhecimento histórico e sobretudo a fim de identificarmos os sinais de alerta que antecedem as atrocidades, a desenvolver um olhar crítico sobre a nossa responsabilidade individual enquanto cidadãos globais^{IX}, da importância de promover os direitos humanos em nosso próprio cotidiano e sobre o perigo de fomentar preconceitos e minar direitos fundamentais, ainda que disfarçados de progresso e modernidade. *O amanhã começa hoje.*

O Holocausto nos livros paradidáticos brasileiros

Considerando a importância que os livros paradidáticos ocupam como instrumentos complementares ao livro didático, possíveis articuladores entre educador, educando e o processo de construção da memória e suas interfaces com diversos cenários atuais ao instigar indagações, reflexões, construções, significações e ressignificações do conhecimento histórico a partir de diferentes fontes, interessa no presente trabalho levar em conta como o Holocausto é abordado em alguns desses materiais. De maneira geral, ao abordarem a Segunda Guerra Mundial, os paradidáticos analisados citam alguma faceta do Holocausto; contudo, observa-se diferenças significativas nos acontecimentos enfatizados em cada obra. Tais diferenças se revelam no uso de certos termos, tais como: Holocausto, antissemitismo, antissemita, antissemita, campos de concentração e extermínio (enquadra-se nesta categoria as diversas terminologias de campos), assim como a quantidade de páginas dedicadas à Segunda Guerra Mundial de modo geral, e ao Holocausto em particular.

Os termos *antissemitismo*, *antissemita* e *antissemita* são mencionados 103 vezes no livro de Tucci Carneiro^X; 26 vezes no livro de D'Alessio e Capelato^{XI}; 12 vezes nos livros de Lenharo^{XII} e Ribeiro Júnior^{XIII} e nenhuma no livro de Bertonha^{XIV}; ao passo que *campo de concentração e extermínio* ocorrem 104 vezes na obra de Tucci Carneiro; 89 vezes em D'Alessio e Capelato; 35 vezes em Lenharo; 4 vezes em Ribeiro Júnior e 1 vez em Bertonha; enquanto *Holocausto* aparece 55 vezes em Tucci Carneiro e 1 vez em Bertonha. Cabe destacar que o termo *Holocausto* se faz presente no título do livro de D'Alessio e Capelato e aparece somente 2 vezes no decorrer da introdução; ao passo que Lenharo e Ribeiro Júnior não fazem uso do termo em seus livros.

Dos cinco paradidáticos analisados, os de Tucci Carneiro e D'Alessio e Capelato, enfatizam a importância da reflexão sobre a temática da violência e intolerância através do estudo interdisciplinar do Holocausto como viés diretivo. As autoras afirmam que a ideologia nazista não desapareceu com a destruição do *Reich* pelos Aliados na Segunda Guerra Mundial, posição adotada igualmente por Ribeiro Júnior^{XV}.

ENTRE SOMBRA E LUZ - O HOLOCAUSTO EM ALGUNS LIVROS PARADIDÁTICOS BRASILEIROS

BRAZ, B. S.

Materialidades e ênfases

Em relação às materialidades^{XVI}, os paradidáticos também apresentam diferenças notáveis. Vejamos cada uma delas:

O livro de Lenharo contém 96 páginas divididas em 6 capítulos, sendo que os capítulos 2 e 4 são os maiores do livro. O segundo capítulo, *A escalada nazista*, aborda, em 19 páginas^{XVII}, a trajetória e ascensão do nazismo, passando brevemente pela história pessoal de Hitler, sua filiação e promoção no Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP), tentativa de golpe no chamado *Putsch* da cervejaria de Munique, a prisão e sua chegada legal ao poder. O quarto capítulo, "O triunfo da beleza", relata em 15 páginas a grande importância que os nazistas atribuíam à propaganda com o objetivo de atingir as grandes massas, suas principais técnicas e o que veicular. O livro possui um vocabulário crítico e uma bibliografia comentada, não contendo imagens, legendas, quadros informativos ou mapas.

O livro de Ribeiro Júnior contém 88 páginas; os capítulos 2 e 3 são os maiores do livro. O segundo capítulo, *As origens históricas do nazismo*, traça, no decorrer de 33 páginas, uma breve linha do tempo desde o reinado do imperador Guilherme II, a deflagração da Primeira Guerra Mundial, as condições e consequências do *Tratado de Versalhes*, a renúncia do imperador, a proclamação, decadência e queda da *República de Weimar* com suas tensões econômicas, políticas e sociais agravadas pela quebra da Bolsa de Nova Iorque em 1929, assim como a ascensão e consolidação do nazismo sobre os pilares da autoridade legal, terrorismo e propaganda. O terceiro capítulo, *Os fundamentos ideológicos, éticos, econômicos e políticos do nazismo*, expõe, ao longo de 19 páginas, as principais bases doutrinárias do nazismo, como os conceitos de raça e comunidade do povo (*Volksgemeinschaft*), inspirados em teorias raciais, filosóficas e nacionalistas pautadas sobretudo no antissemitismo, elucidando como os nazistas elegeram seus ideais de moral, indivíduo, economia, política e Estado. O livro possui 5 imagens, 4 legendas, indicações de leitura e bibliografia do autor.

O livro de Tucci Carneiro contém 96 páginas divididas em 8 capítulos; os capítulos 4 e 2, respectivamente, são os maiores do livro. O quarto capítulo, *O aparato institucionalizado do terror*, dedica 26 páginas à compreensão do processo da *Solução Final* e, para o entendimento do leitor, foi dividido em três partes: boicote econômico e represália cultural; aumento de prisioneiros nos campos de concentração e/ou extermínio e, por fim, a "Solução Final do problema judeu na Europa". O segundo capítulo, *O discurso da intolerância*, contextualiza, em 12 páginas, acerca do antissemitismo como experiência secular na Europa muito antes da ascensão do nazismo. O livro possui 46 imagens, 49 quadros informativos, 45 legendas, 2 mapas, 1 linha do tempo, sugestões de filmes e documentários sobre o Holocausto e 11 sugestões para discussões a respeito do texto.

O livro de D'Alessio e Capelato contém 128 páginas divididas em 8 capítulos; os capítulos 6 e 3, respectivamente, são os maiores do livro. O sexto capítulo, "O projeto ariano e as práticas de segregação e extermínio", expõe, em 17 páginas, como o antissemitismo – uma das bases do nazismo – serviu como legitimação às práticas de terror em seu intento de dominação ariana do mundo. O terceiro capítulo, *A propaganda política*, disserta, em 16 páginas, a respeito do papel fundamental desempenhado pela propaganda como instrumento para coesão social e influência das massas. O livro possui um breve bate-papo com as autoras, 27 imagens, 25 legendas, 2 mapas, 1 linha do tempo e 14 sugestões para discussões a respeito do texto.

Por fim, o livro de Bertonha, o mais recente dos paradidáticos analisados, contém 64 páginas divididas em 6 capítulos. Os capítulos 3 e 6, respectivamente, são os maiores do livro.

ENTRE SOMBRA E LUZ - O HOLOCAUSTO EM ALGUNS LIVROS PARADIDÁTICOS
BRASILEIROS

BRAZ, B. S.

O terceiro capítulo, *A Segunda Grande Guerra: a vitória aliada*, tece, em 11 páginas, um panorama sobre a derrota do Eixo pelos Aliados na frente ocidental e oriental. O sexto capítulo, *O Brasil e a Segunda Guerra Mundial*, aborda, em 8 páginas, a entrada e o papel desempenhado pelo Brasil na guerra. O livro possui 35 imagens legendadas, 20 quadros explicativos, 11 mapas, 7 tabelas, 1 linha do tempo e sugestões de materiais sobre a Segunda Guerra Mundial.

Datação: concordâncias e controvérsias

Há discordâncias entre os autores analisados acerca da datação histórica de termos e acontecimentos. A propósito do aparecimento do termo *antissemita*, de um modo geral, eles apontam para o livro do jornalista alemão Wilhelm Marr como o primeiro a fazer uso do termo. Ribeiro Júnior indica a década de 1870 como o aparecimento de um antissemitismo radical marcante na Alemanha e que o termo surgiu pela primeira vez em 1879, no livro *A Vitória do Judaísmo sobre o Germanismo*, de Wilhelm Marr. Ribeiro Júnior, no capítulo *Os fundamentos ideológicos, éticos, econômicos e políticos do nazismo*, enfatiza o antissemitismo secular em relevo no seio da sociedade alemã, através de teorias raciais e nos seus tratos sociais e culturais segregadores. O antissemitismo adquiriu um caráter de *maniqueísmo religioso*, colocando o judeu para o nazismo como o diabo para o Cristianismo, o próprio *protótipo do Mal^{XVIII}*.

Tucci Carneiro também indica o ano de 1879 e, embora não cite o nome do livro, ressalta que Wilhelm Marr publicou um caderno antissemita em que afirmava que a Alemanha estava completamente dominada pelos judeus. Tucci Carneiro no capítulo 2, *O discurso da intolerância*, afirma que, na Idade Média, a maioria considerava os judeus culpados pela peste negra, por terremotos, pelo envenenamento de poços de água e pelo assassinato de Cristo. Remete ao caso Dreyfus, que teve início em 1894, em que um capitão judeu foi preso e condenado ao exílio acusado injustamente pelo exército francês de repassar informações confidenciais à Alemanha desencadeando uma onda de antissemitismo, mesmo após a descoberta do verdadeiro culpado^{XIX}.

D'Alessio e Capelato também não citam o livro de Wilhelm Marr e datam o aparecimento do termo antissemitismo como 1870. No capítulo 6, *O projeto ariano e as práticas de segregação e extermínio* as autoras resgatam as raízes seculares do antissemitismo. Na Baixa Idade Média, os judeus sofreram discriminações e perseguições relacionadas às Cruzadas; no século XII, eram vistos como inimigos do Cristianismo e, dois séculos depois, eram responsabilizados por calamidades naturais, fome e peste. No século XV, com as pregações de Lutero e a publicação de seu panfleto *Contra os judeus e seus embustes*, o antissemitismo se fortaleceu ainda mais. Na Alemanha, os judeus reivindicaram direitos de igualdade, inspirados nos ideais da Revolução Francesa. Adquiriram igualdade jurídica, mas eram vistos como estrangeiros e segregados^{XX}.

Lenharo nada cita sobre Wilhelm Marr e as origens remotas do antissemitismo, mas no decorrer dos capítulos 4, *O triunfo da beleza*, e 6, *A civilização da sub-humanidade*, examina o antissemitismo presente nas propagandas do regime nazista, que produziu aproximadamente cerca de 1.350 longas-metragens doutrinários, com temas que engrandeciam os valores nazistas, como o racismo e a xenofobia. A mesma estimativa de produções cinematográficas é pontuada no livro de D'Alessio e Capelato^{XXI}.

Por fim, Bertonha aborda os seis anos de duração da Segunda Guerra Mundial: suas origens, embates políticos, econômicos e suas consequências. O autor não cita as raízes seculares do antissemitismo nem sua importância na ideologia nazista, mas pontua a perseguição massiva a opositores políticos como os comunistas e o racismo contra os judeus,

ENTRE SOMBRA E LUZ - O HOLOCAUSTO EM ALGUNS LIVROS PARADIDÁTICOS
BRASILEIROS

BRAZ, B. S.

ciganos, negros, asiáticos e eslavos, considerados povos inferiores dentro da hierarquia racial nazista, que, através da propaganda, fomentava estereótipos, repulsa e ódio. Lenharo, Tucci Carneiro e D'Alessio e Capelato concordam com Bertonha acerca da importância que a propaganda nazista desempenhou na propagação de ódio e perseguição massiva a judeus, ciganos, negros, asiáticos, eslavos, comunistas, maçons, testemunhas de Jeová, homossexuais e deficientes físicos e mentais. Dentre os autores, Ribeiro Júnior é o único que menciona a perseguição nazista aos judeus e aos comunistas sem citar outros povos ou minorias, limitando-se a dizer que aqueles que não tinham sangue ariano (não alemães) e eram considerados sub-homens^{XXII}.

Tanto Tucci Carneiro como D'Alessio e Capelato distinguem o antissemitismo tradicional do moderno. O tradicional, de caráter econômico e religioso (pela ótica cristã medieval), deriva do antagonismo entre Cristianismo e Judaísmo, em que os judeus eram vistos como assassinos de Cristo, bruxos, satanistas, filhos de Caim, impuros de sangue e contra os dogmas impostos pelo Catolicismo. As autoras afirmam que tais acusações foram usadas para justificar a expulsão dos judeus da Península Ibérica, onde muitos foram perseguidos e queimados nos tribunais da Inquisição. Por sua vez, o antissemitismo moderno é essencialmente político (pela ótica científica) e baseia-se em teses racistas do século XIX que consideravam os judeus "seres inferiores" e parasitas que deveriam ser eliminados. Os livros de Tucci Carneiro e de D'Alessio e Capelato são os únicos que mencionam a *Noite dos Cristais* (*Kristallnacht*), um pogrom^{XXIII} ocorrido entre os dias 9 e 10 de novembro de 1938 na Alemanha, que indicaria a eficácia do estigma, exclusão e perseguição de um grupo^{XXIV}.

Lenharo, Ribeiro Júnior e Tucci Carneiro citam o livro *Os protocolos dos sábios de Sião*, um texto antissemita cuja tese é de que os judeus planejam dominar o mundo a partir do controle de diferentes áreas como política e economia, o qual foi usado para inspirar propagandas antissemitas. *Os protocolos dos sábios de Sião* não são citados nos livros de D'Alessio e Capelato e Bertonha^{XXV}.

Exceto Bertonha, que não aborda a questão, os demais autores sustentam em seus livros que o antissemitismo aliado à vulnerabilidade coletiva imperante na sociedade alemã do pós-guerra contribuiu para que os nazistas encontrassem um solo fértil para legitimar suas práticas discriminatórias contra os judeus a fim de estigmatizá-los. Os teóricos racistas não são mencionados nos livros de Lenharo e Bertonha. Por sua vez, Ribeiro Júnior, Tucci Carneiro e D'Alessio e Capelato ressaltam que as teorias raciais pseudocientíficas do século XIX, como as de Theodor Fritsch, Houston Chamberlain, Max Stiner, Otto Glagan e Arthur de Gobineau, contribuíram grandemente para que este ódio se sustentasse e se alastrasse, pois tratava o judeu como uma raça inferior física, moral e culturalmente, e o causador de todos os danos sofridos pelos alemães. Ribeiro Júnior, Tucci Carneiro e D'Alessio e Capelato mencionam ainda as *Leis de Nuremberg*. Promulgadas em 15 de setembro de 1935, definiam quem era considerado judeu, total ou parcialmente, e que, a partir dessa classificação, as pessoas eram consideradas cidadãos de segunda classe e impedidas de participar da vida social. Ribeiro Júnior apenas aponta que as *Leis de Nuremberg* visavam "proteger o sangue e a honra do povo alemão", não desenvolvendo o tema^{XXVI}.

Cabe pontuar que Monteiro^{XXVII} justifica a centralidade que o tema do antissemitismo deve ocupar nos textos didáticos, pois a ideologia nazista está embasada no antissemitismo e, ao apagá-lo, "tais textos ignoram a principal fundação da ideologia nazista, prejudicando a compreensão dos acontecimentos e os princípios através dos quais as políticas foram direcionadas"^{XXVIII}. Desse modo, refletir sobre o antissemitismo europeu secular e recrudescente no nazismo como ideologia e política de Estado, aliado a teorias raciais que, além

ENTRE SOMBRA E LUZ - O HOLOCAUSTO EM ALGUNS LIVROS PARADIDÁTICOS
BRASILEIROS

BRAZ, B. S.

dos judeus, consideravam outros povos, como os ciganos, negros, asiáticos e eslavos, como inferiores, é vital para uma compreensão mais fidedigna sobre a conjuntura política e socioeconômica em que o Holocausto foi produzido, um extermínio em massa de milhões de pessoas.

Sobre a prisão de Adolf Hitler logo após sua tentativa frustrada de golpe, Lenharo aponta a condenação de cinco anos com promessa de comutação da pena sem citar que só foi cumprida apenas poucos meses; Ribeiro Júnior e Tucci Carneiro apontam sua condenação de cinco anos de detenção e oito meses de cumprimento de pena; D'Alessio e Capelato indicam cinco anos de detenção e nove meses de cumprimento de pena, ao passo que Bertonha nada menciona a esse respeito^{XXIX}.

Enquanto os paradidáticos de Tucci Carneiro e D'Alessio e Capelato se concentram majoritariamente no uso da propaganda usada como instrumento político e no processo de produção do Holocausto, Lenharo, Ribeiro Júnior e Bertonha procuram abordar a gênese sociopolítica e histórica do nazismo em seus princípios políticos, econômicos, sociais, ideológicos e místicos, de modo que o leitor possa compreender como o regime ascendeu e se consolidou. No entanto, todos expõem fatos comuns acerca do cenário sociopolítico e econômico anterior à ascensão do nazismo, como a queda do *Kaiser*, a proclamação e decadência da *República de Weimar*, as atitudes de ressentimento e revanchismo causados pelo *Tratado de Versalhes* e a quebra da bolsa norte-americana em 1929. Tais acontecimentos, aprofundaram os conflitos ideológicos mundiais e tornaram a Alemanha, já ressentida pela Primeira Guerra Mundial, um terreno fértil para ideias nazifascistas^{XXX}.

Todos os livros afirmam que a propaganda foi um poderoso instrumento para o nazismo. D'Alessio e Capelato elegem dois eixos através dos quais a propaganda nazista basicamente se orientava: o revanchismo contra os inimigos pela humilhação sofrida na Primeira Guerra Mundial e a glorificação do passado. Cabe destacar que um elemento central da propaganda nazista consistia em fazer uso das limitações intelectuais das massas para incutir seu ideário nazi-fascista. Como diz Adolf Hitler em sua autobiografia, *Mein Kampf (Minha luta)*: “as grandes massas têm uma capacidade de recepção muito limitada, uma inteligência modesta, uma memória fraca”^{XXXI}. Assim, era necessário tanto a restrição informativa quanto a repetição incessante dos pontos abordados nas propagandas, concentrando-se na mentalidade e nos sentimentos das grandes massas, aguçando sua sensibilidade e exaltando o orgulho nacional, a mitologia alemã, o misticismo e a liturgia comunitária^{XXXII}.

Bertonha é o único autor que não menciona a grande queima de livros de escritores considerados subversivos ao regime nazista, como Thomas Mann, Stefan Zweig, Freud, entre outros. Tal prática representa uma *chacina* cultural que simbolizava a *purificação do espírito nacional*^{XXXIII}. Lenharo e D'Alessio e Capelato pontuam o apoio que o regime nazista obteve dos professores universitários: estima-se que apenas 20% deles ofereceram resistência^{XXXIV}.

Outra discordância entre os autores ocorre com respeito ao ano de criação das chamadas *Lebensborn (Fontes da vida)*, uma instituição pró-natalidade criada na Alemanha por Himmler, com o intuito de amparar as mulheres alemãs consideradas boas reprodutoras que auxiliavam na manutenção e expansão da raça ariana. As esposas de soldados, ou mães solteiras que passassem pelas exigências raciais, podiam dar à luz em maternidades bem equipadas e oferecer seus filhos à instituição a fim de serem educadas como *crianças SS*. Lenharo data o ano de criação das *Lebensborn* como 1935 e D'Alessio e Capelato como 1936. Cabe frisar que tais autoras explicam a função das *Lebensborn*, mas não há citação nominal dessa instituição em seus livros. Ribeiro Júnior, Tucci Carneiro e Bertonha não abordam esse tema^{XXXV}. Lenharo, Tucci Carneiro e D'Alessio e Capelato destacam os papéis bem definidos atribuídos a homens

ENTRE SOMBRA E LUZ - O HOLOCAUSTO EM ALGUNS LIVROS PARADIDÁTICOS
BRASILEIROS

BRAZ, B. S.

e mulheres: o homem como trabalhador e guerreiro e a mulher, símbolo da fertilidade ideal, era incumbida das responsabilidades maternas e domésticas, de procriar, cuidar de seus filhos e do bem-estar da família. Ribeiro Júnior e Bertonha não abordam o assunto^{XXXVI}.

Lenharo, Tucci Carneiro, D'Alessio e Capelato e Bertonha opõem-se à ideia de que as mulheres foram passivas ou vítimas do nazismo. Muitas desempenharam papéis ativos de colaboração direta e voluntária durante o nazismo, em contraste com outras que resistiram de alguma forma. Além disso, as mulheres passaram a desempenhar um papel mais ativo no mercado de trabalho ao colaborarem com o esforço da produção bélica, devido à ida de muitos homens para o campo de batalha. O papel das mulheres no nazismo não é mencionado no livro de Ribeiro Júnior^{XXXVII}.

O *Dia D* de 1944 – o desembarque Aliado na Normandia – é citado em datas discrepantes: 6 de julho por D'Alessio e Capelato e 6 de junho por Bertonha. Lenharo, Ribeiro Júnior e Tucci Carneiro não o mencionam. É notável as diferentes posições de D'Alessio e Capelato e Bertonha em relação às batalhas na frente oriental e ocidental. Para as autoras, a frente oriental foi o início do declínio da Alemanha nazista, quando derrotada pela União Soviética no final de 1942. Bertonha, por sua vez, acredita que o *Dia D*, na frente ocidental, tenha sido decisivo para o desfecho da guerra, embora a batalha de Stalingrado representasse uma vitória importante para os soviéticos, pois colocava fim ao mito de que os alemães eram invencíveis^{XXXVIII}.

O Holocausto sob perspectiva

Lenharo afirma, no capítulo 6, *A civilização da sub-humanidade*, que o número de vítimas dos campos de concentração ainda é incerto e que, segundo cálculos, estima-se em dezoito milhões o número de pessoas que passaram pelos campos, sendo onze milhões imoladas, isto é, sacrificadas. O autor apresenta a estimativa de mortos em alguns campos. Aponta 250 mil como o número de judeus mortos no campo de Sobibor. Em Treblinka, estima-se 700 ou 800 mil vítimas. Lenharo não deixa claro se, dentre essas vítimas, estão somente judeus ou também outros povos; apenas acrescenta que 80 mil eram remanescentes da insurreição do *Gueto de Varsóvia*. No decorrer do livro, vários campos de concentração e extermínio são citados de um modo geral, como *Buchenwald*, *Dachau*, *Chelmno*, *Lublin*, *Sobibor*, *Treblinka* e *Auschwitz-Birkenau*. Neste último, são mencionados os experimentos “médicos” e as injeções de fenol, assim como as câmaras de gás que liberavam *Zyklon K* (um tipo de pesticida) em salas disfarçadas de casas de banho. *A Solução Final*, o extermínio dos judeus da Europa, é citada em cinco ocasiões diferentes, mas o tema não é desenvolvido no decorrer do livro.

No livro de Ribeiro Júnior, o termo Holocausto não é usado, mas a *Solução Final* é citada, e o autor atribui uma estimativa de judeus mortos em relação ao seu percentual inicial em toda a Europa e no restante do mundo. O autor também ressalta que o nazismo não desapareceu com a morte de Hitler e que se constitui um perigo iminente hoje; porém, nem o recrudescimento de ideais nazistas nem a temática do Holocausto foram desenvolvidas no decorrer dos capítulos.

Em seu livro, Bertonha usa o termo Holocausto apenas uma vez, sendo citado em poucas linhas no decorrer das páginas 44 e 45. Na página 44, há uma única foto que faz referência direta ao Holocausto, de crianças judias no campo de concentração de *Auschwitz*. Embora deixe claro no decorrer do livro a perseguição a outros povos e inimigos políticos como os eslavos,

ENTRE SOMBRA E LUZ - O HOLOCAUSTO EM ALGUNS LIVROS PARADIDÁTICOS
BRASILEIROS

BRAZ, B. S.

ciganos, comunistas, asiáticos e negros, ao se referir ao Holocausto, o autor aponta apenas os judeus e os ciganos como vítimas em 6 milhões e centenas de milhares respectivamente. Bertanha aponta a impossibilidade de se calcular o número de vidas ceifadas, mas brutalidades cometidas em *Auschwitz* – assim como em outros campos e também fora deles – não são citadas^{XXXIX}. Sobre a brevidade com que o tema do Holocausto tem sido abordado nos livros didáticos, Monteiro afirma que “o processo de perseguição, isolamento e extermínio que afetou milhões de vidas e fez parte de um conflito de proporções mundiais aparentemente é descrito com poucas frases e em curtos parágrafos, como um breve adendo entre a Segunda Guerra e a Guerra Fria”^{XL}.

No decorrer de seu livro, Tucci Carneiro traça a relação entre o passado e o presente em diversos capítulos. No segundo capítulo, *O discurso da intolerância*, ao abordar o antissemitismo europeu como experiência secular recrudescente com a ascensão do nazismo, nos lembra que em momentos de grande vulnerabilidade social e incertezas, os pensamentos e movimentos radicais ressurgem e ganham força. No terceiro capítulo, *Um programa de arianização*, a autora alerta para a inversão de valores com a ascensão do regime nazista que, através do uso massivo da propaganda, normatizou condutas pautadas sobretudo na exclusão. No quarto capítulo, *O aparato institucionalizado do terror*, ressalta a importância de levarmos em conta que o nazismo enquanto regime político se manteve graças a um aparato institucionalizado que sustentou, legitimou e promoveu práticas de terror, violência e extermínio como políticas de Estado. O historiador Müller-Hill é citado; o qual argumenta que quase todos os cidadãos lucraram com a perseguição sistemática aos judeus, visto que seus cargos de trabalho ficaram vagos, suas propriedades poderiam ser compradas por preços abaixo do mercado, pesquisas pseudocientíficas baseadas no mito ariano passariam a receber financiamento e industriais conseguiriam mão-de-obra através do trabalho forçado dos judeus prisioneiros dos campos de concentração. No sexto capítulo, *Imagens de uma tragédia*, relata brevemente as biografias de Primo Levi, que sobreviveu ao Holocausto, e Anne Frank, que morreu em *Bergen-Belsen*. Tucci Carneiro ressalta que *O diário de Anne Frank* é considerado por negacionistas como uma invenção literária sobre o Holocausto - um alerta atual para as tentativas de apagamentos e desabonos dos testemunhos de sobreviventes. Por fim, o oitavo capítulo, *A preservação da memória*, ressalta a importância que os museus, instituições judaicas e centros de investigação desempenham para a construção da memória do Holocausto e a importância de seu estudo para analisarmos as diferenças entre um Estado Democrático e um Estado Totalitário, para o desenvolvimento de atitudes favoráveis à convivência democrática, para a construção da cidadania e para a compreensão dos direitos da pessoa humana, conquistados às custas de mortes, lutas e disputas. O livro enfatiza o princípio da alteridade, em que o leitor é desafiado a se colocar no lugar do “outro”, e, assim, o Holocausto deixa de ser visto apenas como a maior tragédia do século XX, mas, sobretudo, se constituindo um alerta “contra uma possível reprodução das circunstâncias históricas que deram origem ao plano de extermínio”^{XLI}. A autora faz uma provocação interessante: por que estudar o Holocausto? Tece uma reflexão acerca dos desafios intelectuais e emocionais que a temática do Holocausto exige e problematiza que muitos educadores não abordam o assunto em suas salas por desconhecimento do tema e sua importância para a atualidade.

O termo *Holocausto* não aparece no decorrer dos capítulos do livro de D'Alessio e Capelato. No entanto, o livro confere luz sobre a perseguição e o extermínio perpetrado pelos nazistas ao dedicar bastante atenção, assim como o livro de Tucci Carneiro, à compreensão do projeto ariano, suas práticas de segregação e aniquilamento, a ordem cronológica de criação dos campos de concentração e extermínio, sua organização e as diferentes formas de resistência

ENTRE SOMBRA E LUZ - O HOLOCAUSTO EM ALGUNS LIVROS PARADIDÁTICOS
BRASILEIROS

BRAZ, B. S.

encontradas pelos prisioneiros. Os campos de concentração são definidos pelas autoras como “um conjunto sistematicamente planejado para a produção de morte em massa”^{XLII}. A obra de Ruby, *Le livre de la déportation: la vie et la mort dans les 18 camps de concentration et d’extermination*, publicada em 1995, foi consultada pelas autoras como base para os seus três últimos capítulos, em especial para a tradução livre e transcrição de vinte e um depoimentos de testemunhas oculares, especialmente nos dois últimos capítulos. *Deixamos de enxergar apenas números para enxergarmos seres humanos, rostos, nomes e histórias*. Acerca da importância dos testemunhos a fim de se compreender as múltiplas percepções acerca do Holocausto, Monteiro afirma que “até mesmo as experiências singulares dos judeus podem contribuir para a percepção do medo vivido por eles sob o controle nazista, salientando como eles eram afetados pela perseguição e fornecendo uma visão de suas vidas nos campos aos quais foram destinados”^{XLIII}.

Impasses do livro paradidático nos estudos sobre o Holocausto

Reconhecemos que, devido à materialidade específica do livro didático e dos diversos sujeitos envolvidos em sua construção, a figura do autor é por vezes descentralizada, visto que os diversos agentes partícipes da produção de um livro didático, tais como: *editores de texto, editores de arte, ilustradores, redatores, revisores, leitores críticos, consultores, profissionais de publicidade*, dentre outros, influem nesse processo. Desse modo, há uma pluralidade de intenções que perfaz o projeto editorial e que também segue uma lógica de mercado e é refém dos programas escolares. Ao mesmo tempo, não devemos esquecer que o livro didático carrega um conjunto de valores em seu interior. Posto que, segundo Munakata, “a materialidade das relações sociais em que os livros (inclusive didáticos) estão implicados”^{XLIV}. Isso articula interesses, valores e visões de mundo implicadas na própria materialidade das relações de todos envolvidos nos livros (didáticos e paradidáticos). Choppin^{XLV} concorda sobre a inexistência de uma posição de neutralidade e aponta para o papel educativo desempenhado pelo livro didático: “O livro didático não é um simples espelho: (...) é necessário também prestar atenção àquilo que eles silenciam, pois se o livro didático é um espelho, pode ser também uma tela”^{XLVI}. Desse modo, fica evidente que o livro é um campo permeado por múltiplas disputas, assumindo “um importante papel político” em que as relações de poder se constroem em seu interior. Desse modo, está sujeito a apagamentos e induções ideológicas por parte do autor e do projeto editorial^{XLVII}.

Dentre os livros paradidáticos analisados, observamos diferenças notáveis em suas ênfases e sobretudo em seus apagamentos. A ascensão e consolidação do nazismo enquanto regime e suas propagandas são temas privilegiados, em contraste com a arquitetura de morte em massa que produziu o Holocausto, superficialmente abordada em poucas páginas nesses materiais. Em geral, o Holocausto é mencionado através da *Solução Final*, acompanhado dos nomes de alguns campos de concentração e extermínio com uma estimativa do número de mortos, ou através da foto de um campo com uma pequena legenda, sem que seja desenvolvido ao longo desses livros o papel que os campos cumpriam na política de extermínio em massa, na destruição do homem biológico e sobretudo do homem moral. Os atos de violência, expropriação e massacres anteriores à *Solução Final*, e que não foram exclusividade da *Noite dos Cristais (Kristallnacht)*, não são mencionados nos livros de Ribeiro Júnior e Bertonha. Ao passo que Lenharo afirma que o nazismo aperfeiçoou sua máquina de morte e destruição nos campos de concentração no desejo de chegar à *Solução Final*. Para isso, o autor ressalta o

ENTRE SOMBRA E LUZ - O HOLOCAUSTO EM ALGUNS LIVROS PARADIDÁTICOS BRASILEIROS

BRAZ, B. S.

antissemitismo voraz na Europa mesmo antes da ascensão do nazismo, as *Leis de Nuremberg*, a grande queima de livros e o papel da propaganda em fortalecer o antissemitismo em que o uso da violência era encorajado pelas autoridades^{XLVIII}.

Somente os livros de Tucci Carneiro e de D'Alessio e Capelato desenvolvem satisfatoriamente a temática do Holocausto, colocando em relevo o processo de emigração forçada, expulsão, guetização, concentração e por fim o extermínio de milhões de pessoas. Através de depoimentos de testemunhas oculares e da construção de diversos paralelos com situações e cenários atuais, o leitor é desafiado a se colocar no lugar do outro, a refletir e discutir sobre a importância de valores como a supremacia da vida, a convivência democrática e o respeito aos direitos humanos.

Considerações finais

Nem todos os paradidáticos brasileiros analisados contemplam o desafio de provocar um debate interdisciplinar sobre o Holocausto, nem tampouco o de instigar um dos seus maiores desafios: o de atribuir sentido para o seu estudo ao trazer suas questões suscitadas para a atualidade. Mais do que apenas apresentar o aparato institucional do nazismo, o processo de produção do Holocausto e o número estimado de vítimas, é necessário que o livro paradidático traga possibilidades de interfaces com a atualidade e, através do estudo do passado, possa-se extrair lições e reconhecer sinais de alerta para o presente. Isto implica em desenvolver o estudo do Holocausto sob o viés diretivo da valorização dos direitos humanos, em interfaces pautadas sobretudo nos princípios da empatia e alteridade, de modo a trazer à tona reflexões e paralelos atuais sobre o racismo, xenofobia e violações dos direitos da pessoa humana, visando atribuir sentido e significado para o ensino do Holocausto *hoje*, articulando passado e presente. Ao estudar o Holocausto, interessa-nos considerar a História como um processo vivo permeado por agentes históricos e, assim, considerar tal reflexão não somente a nível global ou como estudo formal sobre um acontecimento histórico do passado, mas, como Berenbaum^{XLIX}, nós *sonhamos que o Holocausto se torne irrelevante*. Estudar o Holocausto se torna mais necessário a cada dia, pois a ideologia nazista não desapareceu com a destruição do *Reich* pelos Aliados na Segunda Guerra Mundial - se constituindo uma ameaça atual e constante em face de diversos grupos neonazistas, campanhas racistas e movimentos revisionistas. Estudar o Holocausto é um convite para refletir sobre o significado de ética, valores, tolerância, empatia e alteridade, para onde estamos caminhando como seres humanos, como humanidade e por quais razões. Que possamos estar alertas para jamais permitir que o desumano germine e se multiplique. *O amanhã começa hoje*.

Notas

^I Graduada em Pedagogia pela UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo (2017), desenvolve pesquisas sobre o ensino do Holocausto, a historiografia brasileira de livros e edições didáticas destinadas ao ensino do Holocausto, Educação e Direitos Humanos. Atua como professora (PEB I) na Prefeitura Municipal de Campinas. E-mail: bruna.unifesp2013@gmail.com

^{II} LENHARO, Alcir. **Nazismo: o triunfo da vontade**. São Paulo: Ática, 1986. (Coleção Série Princípios)

^{III} RIBEIRO JÚNIOR, João. **O que é nazismo**. 2.ed - São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987. (Coleção Primeiros Passos)

^{IV} TUCCI CARNEIRO, Maria Luiza. **Holocausto - Crime contra a humanidade**. São Paulo: Ed. Ática, 2000.

^V D'ALESSIO, Márcia Mansor; CAPELATO, Maria Helena. **Nazismo: política, cultura e holocausto**. São Paulo: Atual, 2004. (Coleção Discutindo a História)

^{VI} BERTONHA, João Fábio. **A Segunda Guerra Mundial**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2005. (Coleção Que história

ENTRE SOMBRA E LUZ - O HOLOCAUSTO EM ALGUNS LIVROS PARADIDÁTICOS
BRASILEIROS

BRAZ, B. S.

é esta ?)

^{VII} HILBERG, Raul. **A destruição dos judeus europeus**. 1. ed. - São Paulo: Amaryllis, 2016.

^{VIII} Segundo VIEIRA (2019, p. 1- 3), as origens do antissemitismo demandam um retorno até Roma, onde as divergências entre o Judaísmo e o emergente Cristianismo em meados do século I contribuíram para edificá-lo, entre os seus principais argumentos o de que os judeus traíram Jesus Cristo.

^{IX} Para a UNESCO (2016), a cidadania global refere-se ao sentimento de pertencer a uma comunidade mais ampla e a uma humanidade comum. Ela enfatiza a interdependência e a interconexão política, econômica, social e cultural entre os níveis local, nacional e global.

^X TUCCI CARNEIRO, Maria Luiza. **Holocausto - Crime contra a humanidade**. São Paulo: Ed. Ática, 2000.

^{XI} D'ALESSIO, Márcia Mansor; CAPELATO, Maria Helena. **Nazismo: política, cultura e holocausto**. São Paulo: Atual, 2004. (Coleção Discutindo a História)

^{XII} LENHARO, Alcir. **Nazismo: o triunfo da vontade**. São Paulo: Ática, 1986. (Coleção Série Princípios)

^{XIII} RIBEIRO JÚNIOR, João. **O que é nazismo**. 2.ed - São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987. (Coleção Primeiros Passos)

^{XIV} BERTONHA, João Fábio. **A Segunda Guerra Mundial**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2005. (Coleção Que história é esta ?)

^{XV} Cf. TUCCI CARNEIRO, 2000, p. 5, 6; D'ALESSIO & CAPELATO, 2004, p. 9, 10, 119; RIBEIRO JÚNIOR, 1987, p. 44.

^{XVI} Por materialidade entende-se as características do livro que dão suporte ao texto, como quantidade de páginas, tipo de papel, imagens, tamanho e tipo de letra, acabamentos, etc. (Cf. Chartier, 2003).

^{XVII} Na contagem de páginas deste e dos demais livros analisados, foi considerada a paginação numérica de cada livro.

^{XVIII} Cf. RIBEIRO JÚNIOR 1987, p. 49, 67, 68.

^{XIX} Cf. TUCCI CARNEIRO, 2000, p. 17, 18, 21.

^{XX} Cf. D'ALESSIO & CAPELATO, 2004, p. 80, 81.

^{XXI} Cf. LENHARO, 1986, p. 53; D'ALESSIO & CAPELATO, 2004, p. 66.

^{XXII} Cf. BERTONHA, 2005, p. 16, 40, 43, 44; LENHARO, 1986, p. 83, 84; TUCCI CARNEIRO, 2000, p. 16, 22, 31; D'ALESSIO & CAPELATO, 2004, p. 68; RIBEIRO JÚNIOR, 1987, p. 45, 50.

^{XXIII} Tucci Carneiro (2000) define os pogroms como massacres e episódios de violência a que as autoridades submetiam a população judaica.

^{XXIV} Cf. TUCCI CARNEIRO, 2000, p. 17, 18, 37; D'ALESSIO & CAPELATO, 2004, p. 81, 82, 88.

^{XXV} Cf. LENHARO, 1986, p. 83; RIBEIRO JÚNIOR, 1987, p. 50; TUCCI CARNEIRO, 2000, p. 15, 24.

^{XXVI} Cf. LENHARO, 1986, p. 31, 82, 83; RIBEIRO JÚNIOR, 1987, p. 41, 47-50; TUCCI CARNEIRO, 2000, p. 10, 17, 19, 20, 26-28; D'ALESSIO & CAPELATO, 2004, p. 42, 82, 85, 86.

^{XXVII} MONTEIRO, Gustavo Feital. **Silêncio e ignorância: A presença do Holocausto nos livros didáticos e a abordagem do preconceito racial**. In: XXIX Simpósio Nacional de História – Contra os preconceitos: História e Democracia 2017. Disponível em:

https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1501885401_ARQUIVO_Entreosilencioeaignorancia.pdf

Acesso em: 30 ago. 2021.

^{XXVIII} MONTEIRO, 2017, p.5.

^{XXIX} Cf. LENHARO, 1986, p. 22; RIBEIRO JÚNIOR, 1987, p. 28; TUCCI CARNEIRO, 2000, p. 22; D'ALESSIO & CAPELATO, 2004, p. 25.

^{XXX} Cf. LENHARO, 1986, p. 18; RIBEIRO JÚNIOR, 1987, p. 14; TUCCI CARNEIRO, 2000, p. 10; D'ALESSIO & CAPELATO, 2004, p. 18, 22.

^{XXXI} Hitler *In* : LENHARO, 1986, p. 47 ; D'ALESSIO & CAPELATO, 2004, p. 44.

^{XXXII} Cf. LENHARO, 1986, p. 47; RIBEIRO JÚNIOR, 1987, p. 71, 72; D'ALESSIO & CAPELATO, 2004, p. 45.

^{XXXIII} Cf. LENHARO, 1986, p. 31, 42; RIBEIRO JÚNIOR, 1987, p. 41; TUCCI CARNEIRO, 2000, p. 42; D'ALESSIO & CAPELATO, 2004, p. 62, 65.

^{XXXIV} Cf. LENHARO, 1986, p. 12; D'ALESSIO & CAPELATO, 2004, p. 42.

^{XXXV} Cf. LENHARO, 1986, p. 70, 71; D'ALESSIO & CAPELATO, 2004, p. 32.

^{XXXVI} Cf. LENHARO, 1986, p. 69, 70; TUCCI CARNEIRO, 2000, p. 32; D'ALESSIO & CAPELATO, 2004, p. 31, 32.

^{XXXVII} Cf. LENHARO, 1986, p. 70; TUCCI CARNEIRO, 2000, p. 32, 71; D'ALESSIO & CAPELATO, 2004, p. 33, 34, 113, 114; BERTONHA, 2005, p. 41,42.

^{XXXVIII} Cf. D'ALESSIO & CAPELATO, 2004, p. 75, 76; BERTONHA, 2005, p. 23, 24.

^{XXXIX} BERTONHA, 2005, p. 45.

^{XL} MONTEIRO, 2017, p. 3.

ENTRE SOMBRA E LUZ - O HOLOCAUSTO EM ALGUNS LIVROS PARADIDÁTICOS
BRASILEIROS

BRAZ, B. S.

^{XL I} TUCCI CARNEIRO, 2000, p. 6.

^{XL II} D'ALESSIO & CAPELATO, 2004, p. 95.

^{XL III} MONTEIRO, 2017, p. 2.

^{XL IV} MUNAKATA, 2012, p. 184.

^{XL V} CHOPPIN, Alain. **História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte.** In: Educação e Pesquisa, São Paulo v. 30, n 3, p. 549 - 566, set/dez 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/GNrKqpgQnmdcxwKQ4VDTgNQ/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 30. ago.2021.

^{XL VI} CHOPPIN, 2004, p. 557.

^{XL VII} CHOPPIN, 2004, p. 553.

^{XL VIII} Cf. LENHARO, 1986, p. 31,42, 82- 84.

^{XL IX} BERENBAUM, Michel. **RELEVANCE & SUSTAINABILITY: The Future of Holocaust Museums Conference.** (Transcript of presentation). Organised by Liberation 75 Inc on 1st October, 2020. Disponível em: https://www.westminster.gov.uk/sites/default/files/cd_15.2_-_lfr_berenbaum_transcript.pdf. Acesso em: 29 ago. 2021.

Referências

BERENBAUM, Michel. **RELEVANCE & SUSTAINABILITY: The Future of Holocaust Museums Conference.** (Transcript of presentation). Organised by Liberation 75 Inc on 1st October, 2020. Disponível em: https://www.westminster.gov.uk/sites/default/files/cd_15.2_-_lfr_berenbaum_transcript.pdf. Acesso em: 29 ago. 2021.

BERTONHA, João Fábio. **A Segunda Guerra Mundial.** 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2005. (Coleção Que história é esta ?)

CHARTIER, Roger. **Formas e sentido - Cultura escrita: entre distinção e apropriação.** Campinas: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil, 2003.

CHOPPIN, Alain. **História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte.** In: Educação e Pesquisa, São Paulo v. 30, n 3, p. 549 - 566, set/dez 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/GNrKqpgQnmdcxwKQ4VDTgNQ/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 30. ago.2021.

D'ALESSIO, Márcia Mansor; CAPELATO, Maria Helena. **Nazismo: política, cultura e holocausto.** São Paulo: Atual, 2004. (Coleção Discutindo a História)

HILBERG, Raul. **A destruição dos judeus europeus.** 1. ed. - São Paulo: Amaryllis, 2016.

LENHARO, Alcir. **Nazismo: o triunfo da vontade.** São Paulo: Ática, 1986. (Coleção Série Princípios)

MONTEIRO, Gustavo Feital. **Silêncio e ignorância: A presença do Holocausto nos livros didáticos e a abordagem do preconceito racial.** In: XXIX Simpósio Nacional de História – Contra os preconceitos: História e Democracia 2017. Disponível em: https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1501885401_ARQUIVO_Entreosilencioe_aignorancia.pdf Acesso em: 30 ago. 2021.

MUNAKATA, Kasumi. **O livro didático: alguns temas de pesquisa.** In: Rev.bras. hist. educ., Campinas – SP, v. 12, n. 3 (30), p. 179-197, set./dez. 2012. Disponível em:

ENTRE SOMBRA E LUZ - O HOLOCAUSTO EM ALGUNS LIVROS PARADIDÁTICOS
BRASILEIROS

BRAZ, B. S.

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4072292/mod_resource/content/1/Texto%206_Munakata_%20O%20livro%20did%C3%A1tico.pdf Acesso em: 30. ago.2021.

RIBEIRO JÚNIOR, João. **O que é nazismo**. 2.ed - São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987. (Coleção Primeiros Passos)

TUCCI CARNEIRO, Maria Luiza. **Holocausto - Crime contra a humanidade**. São Paulo: Ed. Ática, 2000.

UNESCO. **Educação sobre o Holocausto e para a prevenção do genocídio - guia de políticas**. Lisboa: Comissão Nacional da UNESCO - Portugal, 2019. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000370911>. Acesso em: 29 ago. 2021.

_____. **Educação para a cidadania global - tópicos e objetivos de aprendizagem**. Brasília, UNESCO, 2016. Disponível em: <http://www.fundacaosmbrasil.org/cms/wp-content/uploads/2016/10/educacaounesco.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2021.

VIEIRA, Fábio Antunes. **O antissemitismo em uma breve perspectiva histórica: de Roma ao nazismo**. In: Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG. Belo Horizonte, v. 13, n. 25, nov. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/23872/19305>. Acesso em: 29 ago. 2021.